

Em 1959, Carl Gustav Jung foi entrevistado por John Freedman, da BBC. Jung fala de sua infância, de seus desentendimentos com Freud, da forma como ele sabe Deus e de quão pouco se sabe ainda sobre o ser humano.

John Freedman - Professor **Jung**, há quantos anos o senhor mora nesta casa adorável à beira do lago, em Zurique?

C.G. Jung - Há cerca de cinqüenta anos.

Freedman - Atualmente o senhor mora aqui apenas com seus secretários e sua governanta inglesa?

Jung - Sim.

Freedman - E nenhum dos filhos ou netos?

Jung - Não, eles não moram aqui, mas muitos deles estão nas redondezas.

Freedman - E o senhor aprecia tê-los?

Jung - É bom sentir que tanta gente viva saiu de você mesmo.

Freedman - O senhor acha que eles têm medo do senhor?

Jung - Acho que não. Se você conhecesse meus netos você veria que não. Eles roubam minhas coisas. Até o meu chapéu eles roubaram outro dia.

Freedman - Posso agora levá-lo de volta à sua infância? O senhor se lembra da ocasião em que pela primeira vez teve consciência de seu próprio self individual?

Jung - Foi aos onze anos. De repente, a caminho da escola, eu saí de uma névoa. Foi exatamente como se eu houvesse estado numa névoa, andando numa névoa, e eu saísse dela, e eu sabia: “Eu sou o que sou”. E depois pensei: “Mas o que eu era antes?” E então descobri que eu havia estado numa névoa, sem saber me diferenciar das outras coisas. Eu era apenas uma coisa entre outras coisas.

Freedman Isso se associava a algum episódio em especial de sua vida, ou era apenas uma função normal da adolescência?

Jung - Bem, é difícil saber. Pelo que consigo lembrar, nada havia ocorrido antes que explicasse esse repentino advento à consciência.

Freedman - O senhor não havia, por exemplo, brigado com seus pais?

Jung - Não, não.

Freedman - Que lembrança o senhor tem de seus pais? Eles o educaram de maneira rigorosa e antiquada?

Jung - Bem, eles pertenciam à época posterior da Idade Média. Meu pai era um pastor protestante do campo, e você pode imaginar como eram as pessoas naquela época, nos anos 70 do século passado. Tinham as mesmas convicções que regiam a vida das pessoas há mil e oitocentos anos.

Freedman - Com quem o senhor se dava mais intimamente, com seu pai ou com sua mãe?

Jung - É difícil dizer. É claro que as pessoas são mais íntimas da mãe, mas quando se tratava do sentimento pessoal eu me relacionava melhor com meu pai, que era mais previsível, do que com minha mãe, que era para mim algo um tanto problemático.

Freedman - Assim, de maneira alguma, o medo não participava de sua relação com seu pai?

Jung - Absolutamente não.

Freedman - O senhor o aceitava como sendo infalível em seus julgamentos?

Jung - Oh, não, eu sabia que ele era muito falível.

Freedman - Com quantos anos o senhor percebeu isso?

Jung - Deixe-me ver. (Longa pausa). Talvez onze ou doze anos. Foi concomitante com o fato de que eu era, que eu sabia que eu era, e a partir de então percebi que meu pai era diferente.

Freedman - Quer dizer que o momento de auto-revelação foi estreitamente relacionado com o dar-se conta da falibilidade de seus pais?

Jung - Sim, pode-se dizer isso. Porém eu percebi que tinha medo de minha mãe, mas não durante o dia. De dia, eu a conhecia e ela era previsível, mas à noite eu tinha medo de minha mãe.

Freedman - E o senhor pode se lembrar por quê? Pode se lembrar o que aquele medo...

Jung - Não tenho a mínima idéia do motivo.

Freedman - E seus dias na escola ? O senhor era feliz na escola ?

Jung - No início eu fiquei feliz de ter companheiros, entende, pois antes eu havia sido muito solitário. Nós morávamos no campo e eu não tinha nenhum irmão ou

irmã. Minha irmã nasceu muito depois, quando eu tinha nove anos e, assim, eu estava acostumado a estar só, mas eu sentia falta, eu sentia falta de companhia, e era maravilhoso ter companhia na escola. Mas logo, sabe, para uma escola rural eu estava muito adiantado, e então comecei a me chatear.

Freedman - Que tipo de educação religiosa lhe deu seu pai?

Jung - Éramos luteranos (Swiss Reformed).

Freedman - E ele o fazia freqüentar regularmente a igreja?

Jung - Isso era natural. Todo mundo ia à igreja aos domingos.

Freedman - E o senhor acreditava em Deus?

Jung - Ah, sim.

Freedman - E o senhor acredita em Deus agora ?

Jung - Agora? (Longa pausa). Dificil responder. Eu sei. Eu não preciso acreditar. Eu sei.

Freedman - E o senhor, quando decidiu ser médico, teve dificuldades quanto ao treinamento na escola e em passar nos exames?

Jung - Particularmente, tive dificuldade com certos professores. Eles não acreditavam que eu era capaz de escrever uma dissertação. Eu me lembro de um caso em que o professor tinha o hábito de discutir os trabalhos escritos pelos alunos, e pegava primeiramente os melhores. Ele percorreu todos os alunos e eu não apareci. Eu estava muito preocupado a respeito, e pensei: é impossível que minha dissertação seja tão mim assim. Quando terminou, ele disse: "Ainda falta um trabalho, que é o

de Jung. Seria de longe o melhor trabalho se não tivesse sido copiado, eu o expulsaria da escola!” Fiquei furioso e disse que aquela era justamente a dissertação em que eu havia trabalhado mais, pois o tema era interessante, contrastando com os outros temas que não me interessavam nem um pouco. E então ele disse: “Você é um mentiroso, e se nós pudermos provar que você roubou aquilo de algum lugar, sairá da escola“.

Aquilo foi uma coisa muito séria para mim. Eu odiava aquele camarada e ele era o único homem que eu teria matado, se alguma vez o tivesse encontrado numa esquina escura! Teria lhe mostrado um pouco do que eu era capaz de fazer.

Freedman - Quando chegou o momento do senhor se qualificar como médico, o que o fez decidir-se pela especialização em psiquiatria?

Jung - Este é um ponto muito interessante. Quando eu havia praticamente terminado meus estudos, e não sabia o que queria realmente fazer, apareceu uma boa oportunidade de seguir um de meus professores. Ele fora chamado para um novo cargo em Munique e queria que eu fosse seu assistente. Mas aí eu estava estudando para o exame final e deparei-me com um manual de psiquiatria. Até então eu nada pensava a esse respeito, assunto a que nosso professor dispensava especial interesse. Eu apenas li a introdução do livro em que se diziam certas coisas sobre a psicose como um desajustamento da personalidade e isso foi o suficiente. Naquele ponto vi que deveria me tomar um psiquiatra. Meu coração batia selvagememente, e quando contei a meu professor que não o acompanharia, que eu ia estudar psiquiatria, ele não pôde compreender. Nem meus amigos, pois naquela época a psiquiatria não era nada, absolutamente nada. Mas eu vi a grande oportunidade única de unir certas coisas contrastantes em mim. Ou seja, além da medicina, além da ciência social, eu sempre estudara história da filosofia e assuntos deste tipo. Era exatamente como se, de repente, duas correntes estivessem se unindo.

Freedman - E quanto tempo depois de ter tomado essa decisão o senhor entrou em

contato com Freud?

Jung - Bem, isso foi no final de meus estudos, mas demorou algum tempo até que eu me encontrasse pessoalmente com Freud. Terminei meus estudos em 1900 e encontrei-me com Freud muito depois. Em 1900 eu já tinha lido a Interpretação dos Sonhos e os estudos de Breuer e Freud sobre a histeria, mas isso foi meramente literário, sabe, e só então, em 1907, eu o conheci pessoalmente.

Freedman - O senhor poderia me contar como isso aconteceu? O senhor foi o Viena encontrá-lo ?

Jung - Bem, eu tinha então escrito um livro sobre a psicologia da demência precoce, que era o nome dado à esquizofrenia. Eu enviei a ele esse livro e assim travamos conhecimento. Estive em Viena durante quinze dias e lá tivemos uma conversa muito longa e penetrante.

Freedman - E a essa conversa longa e penetrante seguiu-se uma amizade pessoal?

Jung - Ah, sim, ela logo se desenvolveu numa amizade pessoal.

Freedman - Que tipo de homem era Freud?

Jung - Bem, ele era uma natureza complicada. Eu gostava muito dele, mas logo descobri que, quando ele pensava em algo, então estava estabelecido, enquanto eu duvidava o tempo todo. Assim, era impossível discutirmos algo realmente a fundo. Você sabe que ele não tinha educação filosófica em especial. Eu estava estudando Kant e mergulhado nele, e isso estava longe de Freud. Assim, desde o começo havia uma discrepância.

Freedman - E foi mesmo em parte devido a uma diferença na abordagem temperamental do experimento e prova, etc., que vocês se separaram mais tarde?

Jung - É claro, sempre há uma diferença temperamental, e a abordagem dele era naturalmente diferente da minha. Isso me levou à posterior investigação dos tipos psicológicos. Existem atitudes definidas. Algumas pessoas fazem as coisas de uma maneira, e outras de outra maneira típica; e existiam diferenças entre Freud e mim, também.

Freedman - O senhor considera que o modelo de Freud de prova e experimentação era menos elevado que o seu ?

Jung - Bem, essa é uma avaliação que não compete a mim fazer. Eu não sou minha própria história ou meu historiógrafo. Em relação a certos resultados, julgo que meu método tem seus méritos.

Freedman - Diga-me, o próprio Freud alguma vez o analisou?

Jung - Eu submeti a ele um bom número de meus sonhos, e ele a mim.

Freedman - E ele ao senhor?

Jung - Ah, sim.

Freedman - O senhor se lembra agora, depois de todo esse tempo, de quais eram as características significativas dos sonhos de Freud?

Jung - Essa pergunta é um tanto indiscreta. Você sabe que existe o sigilo profissional.

Freedman - Ele faleceu há muitos anos.

Jung - Sim, mas tais considerações duram mais do que a vida. (Pausa). Prefiro não falar a respeito.

Freedman - Posso lhe perguntar uma outra coisa que talvez também lhe pareça indiscreta? É verdade que o senhor tem um numero muito grande de cartas de Freud que ainda não foram publicadas?

Jung - Sim.

Freedman Quando serão publicadas ?

Jung - Não enquanto eu estiver vivo.

Freedman - O senhor não teria objeções a que fossem publicadas depois de sua morte?

Jung- Não, absolutamente.

Freedman - Pois elas provavelmente são de grande importância histórica.

Jung - Não creio.

Freedman - Então por que o senhor não as publicou até agora?

Jung - Porque não são suficientemente importantes. Não vejo nelas nenhuma importância especial.

Freedman - Tratam de assuntos pessoais?

Jung - Bem, em parte. Mas eu não me importaria em publicá-las.

Freedman - Podemos agora passar à época em que o senhor finalmente rompeu com Freud. Acho que isso se deveu em parte à publicação de seu livro A Psicologia do Inconsciente. Estou certo?

Jung - Essa foi a causa real. Não, quero dizer, a causa final, porque houve uma longa preparação. Sabe, desde o início eu tinha uma certa *reservatio mentalis*. Eu não podia concordar com um bom número de idéias dele.

Freedman - Especialmente com quais?

Jung - Bem, sobretudo com sua abordagem pessoal e com sua negligência em relação às condições históricas do homem. Dependemos muito de nossa história. Somos moldados através da educação, da influência dos pais. Eles são preconceituosos, ou influenciados por idéias históricas ou pelos chamados dominantes, e estes são fatores muito decisivos em psicologia. Não somos de hoje ou de ontem; somos de uma era imensa

Freedman - Não foi em parte a sua observação, sua observação clínica, de casos psicóticos que o levou a diferenciar-se de Freud a esse respeito ?

Jung - Foi em parte minha experiência com pacientes esquizofrênicos que me levou à idéia de certas condições históricas gerais.

Freedman - Há algum caso que o senhor julgue ter sido um marco de mudança em seu pensamento?

Jung - Ah, sim, eu tive muitas experiências desse tipo, e até fui a Washington estudar os negros na clínica psiquiátrica, para descobrir se eles tem o mesmo tipo de sonhos que nós. Essa experiência e outras me levaram à hipótese de que existe uma camada impessoal na psique. Posso lhe dar um exemplo. Havia um paciente na clínica: ele era quieto, mas completamente dissociado, um esquizofrênico, estava lá há vinte anos. Tinha, na verdade, ido para a clínica quando jovem, como funcionário. Uma vez fui até a sua ala e ele estava obviamente excitado. Chamou-me, pegou-me pela lapela do paletó, levou-me até a janela, e disse : “Doutor! Agora. Agora o senhor verá. Olhe para ele. Olhe para o sol e veja como ele se move. Veja, o senhor deve

mover sua cabeça também, assim, e então o senhor terá o falo do sol; sabe, esta é a origem do vento. O senhor vê como o sol se move quando o senhor move a cabeça de um lado para o outro? Lógico, não entendi nada, e pensei: aí está você, apenas um louco. Mas o caso ficou em minha mente, e quatro anos depois deparei com um documento escrito por um historiador alemão, Dieterich, que havia trabalhado com o Mithras Liturgy, que era uma parte do Grande Papiro Mágico Parisiense. O autor reproduzia um pedaço do tal Mithras Liturgy, ou seja, escreveu: “Depois da segunda oração você verá como o disco do sol se desdobra, e você verá pendurado nele o tubo, a origem do vento; movendo seu rosto para as regiões do leste, o vento se moverá para lá também, e, movendo seu rosto para as regiões do oeste, ele o seguirá”. Naquele instante eu soube: é isto! Esta era a visão daquele paciente!

Freedman - Mas como o senhor podia ter certeza de que o negro americano não estava inconscientemente se lembrando de algo que alguém lhe contara ?

Jung - Ah, não. Isso está fora de questão, pois a coisa não era conhecida. Tratava-se de um papiro mágico em Paris, que nem havia sido publicado. Só foi publicado quatro anos depois, depois da observação com meu paciente em Washington.

Freedman - E assim o senhor achou que estava provada a existência de um inconsciente que era algo além do pessoal ?

Jung - Bem, aquilo não foi uma prova para mim, mas uma sugestão, que eu levei em consideração.

Freedman - Conte-me agora como o senhor decidiu, pela primeira vez, começar o trabalho sobre os tipos psicológicos. Foi também em consequência de alguma experiência clínica em especial?

Jung - Nem tanto. Foi por uma razão muito especial, isto é, para fazer justiça à psicologia de Freud, também à de Adler, e para me orientar. Esse trabalho me

ajudou a entender porque Freud desenvolveu aquela teoria. Ou porque Adler desenvolveu sua teoria sobre o princípio do poder.

Freedman - O senhor concluiu qual é seu próprio tipo psicológico ?

Jung - Naturalmente dediquei muita atenção a essa dolorosa questão.

Freedman - E chegou a uma conclusão ?

Jung - Bem, o tipo não é nada estático. Ele muda durante a vida, mas eu certamente me caracterizei pelo pensamento. Eu sempre pensei, desde a tenra infância, e tinha também muita intuição. Eu tinha uma dificuldade específica com sentimento, e minha relação com a realidade não era especialmente brilhante. Eu sempre entrava em discordância com a realidade das coisas. Aí estão todos os dados necessários para um diagnóstico!

Freedman - Na década de 30, quando trabalhava bastante com pacientes alemães, o senhor acreditava de antemão que a segunda guerra mundial era muito provável. E agora, olhando para o mundo de hoje, o senhor acha que uma terceira guerra mundial é provável?

Jung - Não tenho indícios precisos a esse respeito. Existem tantos indícios que não se sabe o que se vê. São árvores, ou é a madeira? É muito difícil saber, pois os sonhos das pessoas contêm apreensões, mas é difícil saber se eles apontam para uma guerra, uma vez que essa idéia é predominante nas mentes das pessoas. Antigamente era muito mais fácil. As pessoas não pensavam em guerra e assim era bem claro o que os sonhos queriam dizer. Hoje em dia não é mais assim. Temos tantas apreensões, temores, que não sabemos exatamente o que está sendo apontado. Uma coisa é certa: uma grande mudança de nossa atitude psicológica é iminente. Isso é certeza.

Freedman - E por que?

Jung - Porque precisamos de mais, precisamos de mais psicologia. Precisamos de um maior entendimento da natureza humana, pois o único perigo real existente é o próprio homem. Ele é o grande perigo, e lamentavelmente não temos consciência disso. Não sabemos nada sobre o homem, é muito pouco. Sua psique deveria ser estudada, pois somos a origem de todo o mal vindouro.

Freedman - O senhor acha que o homem precisa conviver com o conceito de pecado e mal? Faz parte de sua natureza?

Jung - Obviamente.

Freedman - E com o de um redentor?

Jung - É uma consequência inevitável.

Freedman - Não é um conceito que desaparecerá ao nos tornarmos mais racionais?

Jung - Bem, eu não acredito que o homem se desviaria alguma vez do padrão original de seu ser. Sempre existirão essas idéias. Por exemplo, se você não acredita diretamente num redentor pessoal, como era o caso de Hitler, ou do culto ao herói na Rússia, então terá uma idéia, uma idéia simbólica.

Freedman - O senhor escreveu algumas frases sobre a morte, que me surpreenderam um pouco. Lembro-me especialmente que o senhor disse que a morte é psicologicamente tão importante quanto o nascimento e que ela é parte integrante da vida. Mas ela não pode ser como o nascimento, se é um fim, ou pode?

Jung - Certo, se ela for um fim, mas não estamos muito seguros sobre esse fim, porque existem as faculdades especiais da psique: ela não é inteiramente limitada pelo espaço e pelo tempo. Você pode ter sonhos ou doses do futuro, você pode ver

mais longe do que as esquinas, e coisas assim. Apenas a ignorância recusa tais fatos. É bem evidente que eles existem e que sempre existiram. Eles mostram que a psique, ao menos uma parte dela, não depende desses limites. E daí? Se a psique não é obrigada a viver no tempo e no espaço apenas - e obviamente não vive - então a psique não está sujeita àquelas leis, o que indica uma continuação prática, uma espécie de existência psíquica além do tempo e do espaço.

Freedman - O senhor acredita que a morte é provavelmente um fim, ou o senhor acredita que...

Jung - Bem, não posso dizer. A palavra acreditar é algo difícil para mim. Eu não acredito. Eu preciso de uma razão para uma dada hipótese. Ou eu sei uma coisa, e, então, eu a sei, não preciso acreditar nela. Não me permito, por exemplo, acreditar em alguma coisa só por acreditar. Não por acreditar. Mas, quando houver suficientes razões para uma dada hipótese, eu a aceitarei... naturalmente.

Freedman - Bem, o senhor nos disse que deveríamos considerar a morte um objetivo...

Jung - Sim.

Freedman - E que nos esquivarmos dela é fugir da vida e torná-la sem propósito.

Jung - Sim.

Freedman - Que conselho o senhor daria às pessoas de idade, se a maioria delas realmente acredita que a morte é o fim de tudo?

Jung - Eu tratei de muitas pessoas idosas e é muito interessante observar o que o inconsciente faz com o fato de estar aparentemente ameaçado com um fim total. Ele menospreza tal fato. A vida se comporta como se fosse prosseguir; assim, acho

melhor que uma pessoa de idade viva na expectativa do dia seguinte, como se tivesse que passar anos. Então ela viverá adequadamente. Mas, se ela tiver medo, se não tiver expectativas, ela olhará para trás, e ficará petrificada, rígida, e morrerá antes do tempo. Mas se estiver viva e aguardar ansiosamente a grande aventura à sua frente, então ela viverá, e é mais ou menos isso que o Inconsciente pretende fazer. Lógico, é óbvio que todos nós iremos morrer, esse é o triste final de tudo; no entanto, há algo em nós que aparentemente não acredita nisso. Mas este é apenas um fato, um fato psicológico, para mim não significa que prova alguma coisa. Simplesmente é assim. Por exemplo, posso não saber porque nós precisamos de sal, mas preferimos comer sal, porque nos sentimos melhor. Assim também, quando você pensa de determinada maneira, você pode se sentir bem melhor; acho que se você pensar de acordo com as linhas da natureza, você pensará adequadamente.

Freedman - Isto me conduz à última pergunta que queria lhe fazer. O mundo vai se tomando tecnicamente mais eficiente e parece que cada vez é mais necessário que as pessoas se comportem coletivamente. O senhor acha possível que o maior grau de desenvolvimento do homem consiste em submergir sua própria individualidade numa espécie de consciência coletiva indiferente à riqueza de cada um?

Jung - Isso dificilmente será possível. Acho que haverá uma reação. Começará uma reação contra essa dissociação coletiva. O homem não suportará para sempre sua anulação. Haverá uma reação e eu a vejo se iniciando. Quando penso em meus pacientes, todos eles procuram sua própria existência, querem garantir sua existência contra a existência atomizada em nada, em insignificância. O homem não pode suportar uma vida sem significado.